

Preservar a instituição

EXCLUÍDOS os terremotos da CPI, o ano chega ao fim com uma sensação de vazio político. O presidente Itamar Franco não toma decisões com facilidade ou naturalidade, e a crise crônica da República ajuda a alimentar a sensação de vácuo.

UMA liderança forte e esclarecida pode ter papel essencial em diversos cenários. Um dos exemplos mais recentes e mais típicos é o da França dos anos 50, arrancada do marasmo e da desorientação pela figura estatuesca do general De Gaulle.

MAS a capacidade de liderança, por si só, não garante nada; pode levar um país direto para o despenhadeiro — que foi o que Hitler fez com uma Alemanha que se atirou em seus braços.

TEMOS agora um sinistro candidato a Fuehrer: o ultranacionalista Jirinovsky, que oferece aos russos delírios de grandezas e vitórias — o suficiente para ameaçar um retorno aos piores momentos da guerra fria.

O QUE existe entre esses extremos? O arcabouço institucional. Se as instituições amadurecem e prosperam, elas tanto podem agüentar as dificuldades de um interregno político semelhante ao que o Brasil está atravessando como, em sentido contrário, cortar as asas dos que querem voar muito alto ou muito depressa (e não se pode minimizar, neste sentido, o que aconteceu no Brasil em 1992: o espetáculo político do ano passado não é o de um país desprovido de instituições).

ESTE é o teste que o Brasil enfrenta agora mais uma vez, e que vai determinar os rumos de 1994, do processo eleitoral, do próprio futuro da democracia brasileira.

AS acusações que se acumularam contra diversas figuras do Congresso não são do tipo das que se pode varrer para debaixo do tapete. A instituição parlamentar está completamente exposta. Só uma assepsia competente será capaz de transformar em força o seu quadro atual de aparente fraqueza.

SE o Congresso não se põe à altura das circunstâncias, fica aberto o espaço para aventuras políticas, para a nostalgia da autoridade, para candidatos a salvador da pátria. O lado vulnerável das democracias modernas e antigas é que a distinção entre lideranças falsas e autênticas normalmente só é feita a posteriori. No período da campanha, todos os candidatos trabalham com a mesma matéria-prima: retórica, poder de convencimento, carisma.

O RISCO existe, assim, de que o eleitorado faça opções precárias — já vimos isto acontecer mais de uma vez. É nesse momento que as instituições podem dar a palavra final, condenando ou absolvendo um processo político.

NÃO estamos na estaca zero, a esse respeito; mas a consolidação das instituições continua a ser a linha divisória entre um Brasil moderno e o país antigo que parecia sempre à mercê de um sobressalto político.